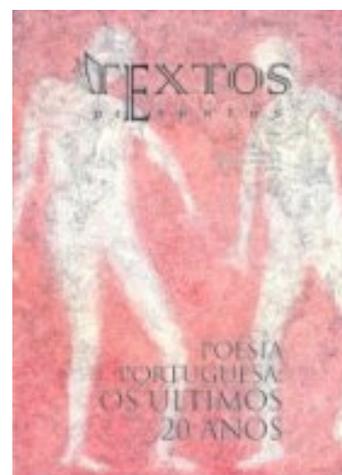


# TEXTOS E PRETEXTOS – POESIA PORTUGUESA: OS ÚLTIMOS 20 ANOS. LISBOA. N. 14, 2011.

*Tamy de Macedo Pimenta*  
*Universidade Federal Fluminense*

---

A revista *Textos e Pretextos – Poesia Portuguesa: Os últimos 20 anos*, publicada no período de primavera/verão de 2011 em uma tiragem de mil exemplares, demonstra, através de ensaios, testemunhos e trechos de poemas, um pouco da poesia portuguesa mais recente, retratando desde temáticas representativas dessa contemporaneidade às contradições de escrever versos em um mundo que cada vez os valoriza menos. Além do editorial, escrito pela diretora da revista, Margarida Gil dos Reis, e da parte reservada às referências bibliográficas (nomeada “Textualidades”), existem três grandes divisões nesse periódico: Texturas [Ensaaios]; Contra-Senha [Testemunhos]; Inédito.



A primeira parte é composta de quatro bons ensaios de Catarina Nunes de Almeida, Cesarina Donati, Gonçalo Cordeiro e Rui Guilherme Gabriel, tratando das obras de Daniel Faria, Manuel de Freitas, Tolentino Mendonça e José Luiz Tavares, respectivamente. Partindo das mãos, símbolo recorrente na poesia de Daniel Faria, Almeida demonstra como ocorre a “relação essencial” (p. 16) entre mão e poema, passando pelo caráter milagroso e mítico da primeira, presente na origem do mundo e da palavra, constituindo-se, portanto como “o cordel luminoso que puxa o verbo das coisas” ( p. 20). Já Donati toma como ponto de partida uma série de imagens relacionadas à ascensão, à janela e ao movimento, para mostrar como estas se relacionam com o fluxo do tempo, a finitude e a morte, temas marcantes da poética de Freitas. É também através de obsessões temáticas e poéticas de Tolentino Mendonça que Cordeiro entende a noite e o sagrado como categorias que demonstram o poder da palavra, vista

aqui sob uma ótica teológica numa poesia que é “uma viagem iniciática pelos mistérios que ligam o humano ao divino” (p. 41). Explorando temas comuns na obra de José Luiz Tavares, Gabriel explicita frequentes diálogos intertextuais desta com Rainer Maria Rilke, Seamus Heaney, Vitorino Nemésio, dentre outros poetas.

A parte intitulada “Contra-Senha [Testemunhos]” é subdividida em três. Na primeira encontramos textos de críticos que, de uma maneira geral, tratam da poesia mais recente em Portugal, explicitando suas características marcantes e as dificuldades que enfrenta por ser cada vez menos lida até mesmo nas escolas, como aponta Fernanda Gil Costa, relatando uma experiência própria, quando teve seu programa de semestre questionado por um aluno, que depois se revelaria a ela como “um poeta de voz inquietante, dicção vibrante, intensa e tensa” (p. 62). Ela própria admite que a razão pela qual não havia poetas ou livros de poesia em seu plano de curso era a dificuldade de alunos se interessarem por poesia quando eles não conseguem nem ler/dizer textos em voz alta facilmente. Depois, Costa trata brevemente sobre o livro de seu aluno questionador – “O sangue soprado como vento” de João Moita. Já Fernando Pinto do Amaral, como poeta e crítico, relata de maneira interessante a grande contradição interna que os escritores de versos vivem nos tempos contemporâneos, não tendo “grande fé na poesia” (p. 66) – como o tinham Sena, Eugénio de Andrade, Ruy Belo, dentre outros –, mas continuando a escrever. Amaral, como poeta, diz situar-se entre essas duas posições, não crendo na poesia, porém tampouco partilhando da desesperança dos mais contemporâneos, acreditando, portanto, que a cada verso escrito estará dizendo ainda “um segredo a um só ouvido”, nas palavras de Luiza Neto Jorge. Já Rosa Maria Martelo esboça alguns “pontos de fissura, de experimentação e, provavelmente, de mudança” (p. 68) desses últimos vinte anos de poesia, também demonstrando os tempos difíceis que esta vive, mas apontando de maneira otimista saídas que as próprias inovações tecnológicas – muitas vezes acusadas de serem uma das principais responsáveis por esse declínio da leitura – propiciam, além do aumento da facilidade de publicação em edições de autor e em pequenos projetos editoriais. Na segunda subdivisão, poetas respondem a três perguntas da revista: A primeira diz respeito à possibilidade ou não de se pensar em termos de partilha geracional nessa contemporaneidade; a segunda, aos principais traços dessa poética mais contemporânea que marcam sua diferença em relação a das últimas duas décadas; e a terceira, sobre a existência ou não de um esforço dos poetas mais recentes para combater a noção de obra, enquanto algo mais estruturado e coerente. A essas questões respondem Ana Catarina Nunes de Almeida, Daniel Jonas, Luís Quintais e Ondjaki. Todos partilham da idéia de que a noção de geração liga-se mais a questões de afinidade e admiração do que as de cunho cronológico ou nacional e alguns dizem que não costumam pensar muito em sua contemporaneidade (Catarina Nunes de Almeida e Ondjaki). Quanto às características marcantes da poesia mais

recente, a presença do espaço urbano, um certo desconforto com a vida e uma imposição do que vale a pena reter do tradicional são mencionados, enquanto há uma discordância no âmbito linguístico quando Jonas queixa-se de a poesia não ser “mais rústico-erudita” (p. 73) como anteriormente e Ondjaki elogiar o fato desta não se deixar “encantar por efeitos estéticos de aparência demasiado erudita...Ou pretensiosamente erudita...” (p. 75). Jonas e Quintais dizem não saber afirmar se a poesia tende a um combate à noção de obra, enquanto Almeida nega o fato e Ondjaki diz que “poderá haver uma tendência para a poesia ser mais fragmentada... O que não quer dizer que seja pouco consistente” (p. 75). A terceira subdivisão é um curto e belo ensaio de Ricardo Gil Soeiro sobre a poesia, descrita como segredo e enigma, situada “entre a alegria de nos sentirmos existir no tecido do tempo e a ultrajante angústia da morte” (p. 76). Através da travessia em busca do inalcançável sentido da poesia, o que Soeiro pode afirmar é uma série de incertezas e incoerências – “Escrevemos e é tudo”, “Escrevemos e não é tudo” e “É preciso principiar, contemplar o enigma. Também é um pouco isso a poesia./ Talvez” – mostrando que o que a faz ser encantadora é justamente o eterno mistério que a define.

Na última parte – “Inédito” – temos o ensaio “Rui Pires Cabral na cidade baudelairiana” de Pedro Eiras que, como o título já explicita, traça comparações entre a poesia de RPC, poeta português que começou a publicar a partir dos anos 90, e Baudelaire, primeiro poeta a inserir o espaço urbano na poesia. Além do óbvio fato de em ambas as obras a cidade existir como um grande configurador de sentidos, onde “paradoxalmente, a subjetividade está *fora* do sujeito” (p. 87), Eiras demonstra como nos dois poetas o espaço urbano aparece como labirinto, onde o *flâneur*, agora esvaziado, é simplesmente um consumidor comum e recorrente dos tempos contemporâneos, onde “cada sujeito é a mercadoria de que se reveste” (p. 100), além de apontar para a presença de trabalhadores na poética dos dois, afirmando a existência de uma consciência política e ética de Rui Pires Cabral, que demonstra “que, de algum modo, nada realmente se alterou entre os séculos XIX e XXI” (p. 92).

Dessa maneira, a revista busca pensar os trabalhos poéticos mais recentes de Portugal, sendo seus ensaios – com exceção de Cesarina Donati sobre Manuel de Freitas – altamente metalinguísticos no sentido de que tratam sobre como os poetas analisados representam a palavra: a mão de Daniel Faria, a noite e o sagrado de Tolentino Mendonça e as intertextualidades de José Luiz Tavares. Através dos testemunhos, temos acesso a críticos e poetas discursando sobre o fazer poético e a condição da poesia no mundo contemporâneo e, finalmente, o ensaio de Eiras demonstra como ela se renova em vozes recentes – como a de Rui Pires Cabral – aproveitando e resgatando um passado que já apontava para a atual queda da poesia. É notável que a revista começa com um trecho do poema “Lamento” de Luís Quintais, logo no editorial:

“Um poeta caiu do céu,  
escreve-se na primeira página  
de um jornal. É a constatação  
da equívoca descoberta da poesia,  
do seu lado esquivo ao tempo, à usura.  
Um poeta perde asas e consoma  
a sua queda, em versos nocturnos  
persegue o frio ou a demasiada sombra,  
a morte de um amigo ou a destruição da luz.

e termina com o ensaio de Eiras que retoma a ideia apresentada nesses versos: A queda da aura do poeta. Porém, se a revista ilustra essa desesperança em relação à poesia, também apresenta um otimismo com relatos de críticos, ensaístas e poetas que continuam lendo, escrevendo e *vivendo* poesia.

Portanto, o número 14 da revista *Textos e Pretextos* esboça de maneira breve – deixando de mencionar, sem dúvida, muitas obras e poetas atuais –, porém eficazmente, um panorama acerca da poesia portuguesa mais recente, contribuindo para a divulgação dessas novíssimas vozes e para um maior conhecimento do lirismo português contemporâneo.

*Recebido para publicação em 15/05/12.*

*Aprovado em 15/06/2012.*